

As Muitas Arqueologias das Minas Gerais

André Prous^{1*}

¹ Arqueólogo (UFMG). Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo Apresentamos uma história crítica das pesquisas em arqueologia - particularmente pré-histórica - realizadas em território mineiro desde o século XIX. Após a fase do pioneirismo (P. Lund, amadores diversos), missões internacionais estudam a região de Lagoa Santa no terceiro quarto do século XX, enquanto o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) inicia levantamentos no alto vale do rio São Francisco. Com a abertura de pesquisas mais sistemáticas pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) no Norte mineiro e a criação do Setor de Pesquisa da UFMG, na segunda metade dos anos de 1970, abre-se uma fase de pesquisas mais intensivas e regionais, tematicamente diversificadas. O início deste século XXI é marcado pela multiplicação das pesquisas preventivas e de resgate, a emergência de novos centros de pesquisa e a criação de cursos de formação de arqueólogos na UFMG. O Patrimônio pré-histórico de Minas Gerais é notável pela importância de preservação de materiais perecíveis, de restos esqueléticos humanos de grande antiguidade, pela riqueza dos registros rupestres e a variedade regional das indústrias realizadas sobre matérias-primas muito diversas. A arqueologia histórica, cuja importância cresceu exponencialmente nos dois últimos decênios, é marcada pela importância dos vestígios da mineração de pedras e metais preciosos, dos assentamentos de escravos fugitivos e os remanescentes de fazendas antigas, cujo estudo se desenvolveu comparativamente mais que a arqueologia da urbanização e dos monumentos barrocos.

Palavras-chave: Arqueologia, Minas Gerais, Brasil, História da Ciência.

1. Introdução

A arqueologia em Minas Gerais nasceu de forma acidental e poderíamos dizer, prematura, em meados do século XIX. Após um eclipse de quase um século durante o qual as pesquisas se limitaram à região de Lagoa Santa e foram realizadas essencialmente por instituições estrangeiras ou do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a arqueologia firmou-se no estado com a criação do Setor de Arqueologia da UFMG. Isto ocorreu no final do ano de 1975, por iniciativa conjunta do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) e da Reitoria da Universidade. Desde então, a arqueologia mineira passou a ter um papel relevante no panorama brasileiro.

Na fase inicial das pesquisas, o foco principal foi a antiguidade do Homem na região de Lagoa Santa (e, por extensão, nas Américas) e o tipo humano que caracterizou os primeiros americanos. Em meados do século XX, as pesquisas ampliaram-se para o estudo dos vestígios associados - particularmente de indústria. No último quarto do século, as pesquisas passaram a interessar novas regiões do estado. Também se tornaram cada vez mais abrangentes, envolvendo o estudo das tecnologias pré-históricas, as manifestações rituais, as expressões gráficas, os vestígios de subsistência. Nos últimos anos do século XX, o foco acadêmico voltou-se de novo, pelo menos em parte, para estudos de bio-antropologia e para a região de Lagoa Santa.

Uma novidade importante foi o desenvolvimento da arqueologia histórica, até então largamente minoritária frente ao estudo do período pré-histórico. Isto se deveu em grande parte ao crescimento das pesquisas contratadas para licenciamento ambiental, que passaram a predominar de forma absoluta sobre os trabalhos de cunho acadêmico. Isto criou uma enorme demanda de arqueólogos e de mão de obra técnica, levando à criação de cursos de formação especializada no início deste século XXI.

Neste artigo, detalharemos particularmente, entre as pesquisas realizadas desde 1976, aquelas realizadas pelo Setor de Arqueologia da UFMG no campo da pré-história. Para este mesmo período, a bibliografia apresenta particularmente obras de síntese (regional ou temática) e de metodologia de interesse geral publicadas em português, evitando uma listagem de publicações de foco mais restrito ou feitas no exterior e de difícil acesso.

2. Os primórdios: as pesquisas de P. W. Lund e os achados fortuitos (1840/1920)

A contribuição de Lund à ciência é bem conhecida (HOCH; PROUS, 1985; HOLTEN; STERN, 2011; PROUS, 2002, 2013; NEVES; PILÓ, 2008). O referido naturalista dinamarquês, fixado em Lagoa Santa desde 1832, encontrou casualmente ossadas humanas na gruta de Sumidouro, misturadas com restos de megafauna pleistocênica.

*e-mail: aprous80@gmail.com

Desenvolveu então estudos pioneiros dos sistemas de deposição na gruta e de tafonomia, chegando à conclusão da contemporaneidade dos ossos humanos e faunísticos. Notou também a diferença entre a morfologia dos crânios modernos e daqueles de Lagoa Santa. Desta forma, levantou, pela primeira vez no Ocidente, a ideia de uma humanidade muito anterior ao dilúvio, de uma presença humana em era geológica anterior a nossa. Esta sugestão foi defendida em várias comunicações enviadas a Sociedades científicas europeias. Na época, esta descoberta prematura não despertou muita atenção no meio científico, mas em poucos decênios, depois de se reconhecer a existência de um “Homem antediluviano” na Europa, passou a ser considerada (TEN KATE, 1885). Outrossim, interessou-se pelos machados de pedra dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, a respeito dos quais elaborou uma nota para a Sociedade Nórdica de Arqueologia; finalmente, forneceu subsídios para as discussões sobre a origem antrópica dos concheiros europeus, a partir do exemplo dos sambaquis brasileiros. Paleontólogo antes de tudo, Lund não foi um arqueólogo, mas não deixou de contribuir para o reconhecimento da antiguidade e da importância de se estudar o Homem primitivo americano. Seu desenhista, Brandt, reproduziu um painel de pinturas de Cerca Grande, tratando-se, segundo dizem, da primeira prancha colorida publicada na história da edição.



Figura 1. P. W. Lund (Fonte: www.lagoasanta.com.br)



Figura 2. Brandt desenhando em Cerca Grande (Fonte: Wikipedia)

Alguns achados fortuitos chegaram a interessar a comunidade científica brasileira. O engenheiro alemão Heinrich Wilhelm Ferdinand Halfeld comentou em carta endereçada a A. Varnhagem o achado de urnas pintadas, exumadas durante a construção de uma estrada na Zona da Mata mineira em 1840 (CORREA, 2009). O francês P. Rey, por sua vez, passou pelo Grande Abrigo de Santana do Riacho na Serra do Cipó, viu as pinturas pré-históricas, assim como aquelas de um sítio do Rio Doce (1879). Em 1871, foram identificados restos humanos mumificados na Serra da Babilônia, em propriedade do Barão de Santa Ana. De uma das grutas foram retirados três corpos e o material que os acompanhava. Doados ao Imperador D. Pedro II, estão hoje depositados no Museu Nacional. Os geólogos F. Hartt, C. Gorceix e o paisagista A. Glaziou foram então encarregados de realizar uma campanha de escavação nas grutas da região, que resultaram na coleta de alguns objetos, e na primeira planta de localização de artefatos em sítio arqueológico no Brasil (CORREA, 2009).

No entanto, no final do século XIX, as pesquisas arqueológicas no Brasil passaram a se desenvolver essencialmente no litoral meridional do país (escavações de sambaquis) ou na Amazônia Oriental (Ilha de Marajó, sítios funerários de Miracanguera ou do Amapá).

3. As primeiras pesquisas arqueológicas (1926/1954): O Museu Nacional e a Academia de Ciências de Minas Gerais

Nesta época, a grande antiguidade do Homem na terra tinha-se tornado amplamente aceita; no entanto, considerava-se que a entrada de migrantes na América seria muito tardia e holocênica. As sugestões contrárias eram consideradas infundadas. O Padre jesuíta J. Padberg-Drenkpohl, contratado pelo Museu Nacional (primeiro arqueólogo profissional no Brasil) realizou 3 campanhas de escavações na região de Lagoa Santa entre 1926 e 1929. Escavou a parte anterior da Lapa Mortuária de Confins, onde esperava encontrar provas da contemporaneidade do Homem e da fauna extinta. Apesar de encontrar dezenas de esqueletos da “raça de Lagoa Santa”, não achou nenhum vestígio de megafauna extinta associado. Encontrou também alguns esqueletos na Lapa do Caetano embaixo de um piso estalagmítico (possivelmente pleistocênico). Deu por terminada sua tarefa, sem sequer estudar, e muito menos publicar, o material arqueológico proveniente das escavações, que foi depositado no Museu Nacional do Rio de Janeiro; apenas apresentou relatórios internos (PADBERG-DRENKPOHL, 1926, 1929). Pouco depois, Padberg voltou para sua Áustria natal, e o novo Diretor do Museu Nacional decidiu retomar a questão da antiguidade dos achados de Lagoa Santa. Bastos d’Ávila e Ruy Lima e Silva voltaram então para a região, escavando em grutas do maciço de Carrancas (particularmente, na Lapa do Urubu). Seu relatório, também inédito, menciona o achado de uma dezena de esqueletos em uma gruta, todos sepultados e

cobertos por uma pedra. Também informa a presença de algumas lâminas de machado de rocha básica, de lascas e fragmentos de pontas de cristal de quartzo.

Logo depois, várias pessoas de Belo Horizonte interessaram-se pelos achados de Lagoa Santa. A maioria delas, no âmbito da Academia de Ciências de Minas Gerais. Tratava-se principalmente de H. Walter, Cônsul do Reino Unido na capital mineira e do artista plástico e autor de peças de teatro A. Mattos. Faziam excursões em Lagoa Santa, onde chegaram a realizar algumas escavações, mas sobretudo recebiam peças coletadas nos abrigos por operários - um deles, Rosalino, continuou esta atividade remunerada até 1976, quando foi enviado para esvaziar o sedimento de um abrigo no município de Jaboticatubas, alguns dias antes da minha ida ao local para escavá-lo. Conservamos no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (doravante mencionado como MHNJB) alguns cadernos escritos do punho de H. V. Walter, que registram a aquisição de artefatos e crânios. Participavam também deste grupo interessado na pré-história mineira o médico A. Cathoud (que cuidava dos vestígios esqueléticos) e o dentista J. Penna, que fotografava a arte rupestre de Lagoa Santa e da Serra do Cabral. As escavações realizadas pelos operários de H. Walter em 1935 proporcionaram um esqueleto humano (o "Homem de Confins") na Lapa Mortuária, abaixo do nível escavado por Padberg-Drenkohl. Segundo os escavadores, teria sido encontrado abaixo de uma crosta estalagmítica (provavelmente pleistocênica) e estaria associado a restos de megafauna.

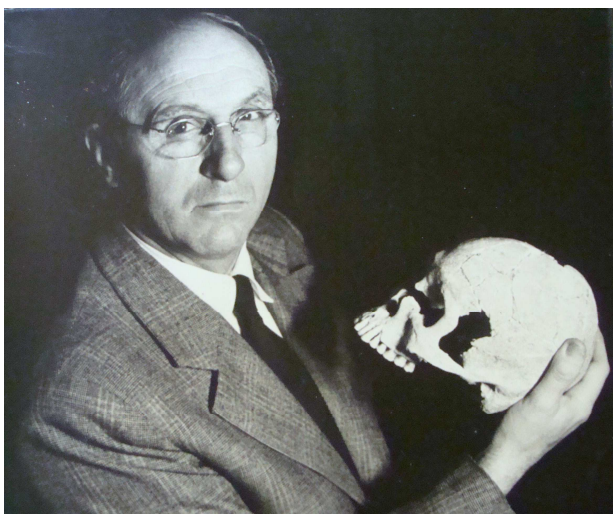


Figura 3. H. Walter com o crânio de Confins
(Foto: Diários Associados)

Infelizmente, a falta de um observador mais capacitado, assim como a ausência de controle estratigráfico e de documentação tiraram muita credibilidade do achado - que teria sido, na época, a primeira comprovação de uma presença pleistocênica humana nas Américas. Uma análise comparativa do flúor contido nos dentes do esqueleto pré-histórico, de um osso moderno e de um osso fóssil de fauna (não identificada) sugeriu grande antiguidade para o esqueleto (STEWART & WALTER, 1955), mas este método de datação relativa a partir da absorção do flúor

pelos dentes não é mais aceito hoje. H. V. Walter escavou - ou mandou escavar - particularmente nos sítios de Eucalipto, Limeira, Mãe Rosa, Samambaia, Marciano, Lagoa Funda e Sumidouro. Publicou dois livros nos quais apresentou os principais sítios escavados (WALTER, 1948) e tentou sistematizar os resultados das suas observações (WALTER, 1958). Propôs uma tipologia dos artefatos líticos e ósseos encontrados em diversos abrigos, tentando mostrar uma evolução cronológica das categorias morfológicas (com dois conjuntos pré-cerâmicos e dois do período ceramista). Infelizmente, a tentativa, obviamente inspirada no modelo europeu da sequência cronológica pré-histórica, não era suportada por nenhuma observação estratigráfica e as pesquisas posteriores não confortaram o quadro por ele proposto. Por sua vez, A. Mattos abriu uma sondagem na gruta e no principal abrigo de Lapa Vermelha IV de Pedro Leopoldo (hoje, no município de Confins). Também coletou peças em sítios cerâmicos que estavam sendo destruídos pelas obras de urbanização; um deles encontrava-se a proximidade do atual Museu de História Natural, e outro, na Rua Jacuí (MATTOS, 1947). Parte das coleções reunidas pelos membros da Academia de Ciências de Minas Gerais foi doada à UFMG (os esqueletos à Escola de Medicina; a cerâmica, assim como peças líticas e ósseas, para a FAFICH-UFMG). Em 1976, ao criar o Setor de arqueologia, reunimos este material no MHNJB-UFMG.

Desta forma, as pesquisas realizadas entre 1920 e 1955 mantiveram aberta a pergunta sobre antiguidade do Homem em Lagoa Santa, mas sem trazer nenhuma resposta definitiva. A partir dos anos de 1940, os achados de instrumentos líticos inquestionavelmente associados à megafauna no sítio de Clovis (no Oeste americano) demonstraram que a ideia de um Homem pleistocênico no Brasil não era absurda. A presença de esqueletos preservados em Lagoa Santa mantinha aceso o interesse pela região, já que não havia sepultamentos conhecidos para os autores da cultura Clovis. Esta foi logo datada em cerca de 11.000 anos a partir de 1950, quando a análise de radiocarbono tornou-se operacional. Tornava-se imperativo esclarecer a antiguidade dos achados em terra mineira.

4. As Missões internacionais e os amadores de Minas Gerais (1954/1979)

4.1 As Missões internacionais

Em 1955, o museólogo e arqueólogo norte-americano W. Hurt realizou prospecções em abrigos de Lagoa Santa, mantendo relações tensas com vários dos membros da Academia de Ciências Gerais. No ano seguinte, W. Hurt organizou escavações no maciço de Cerca Grande e na Lapa das Boleiras, em colaboração com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a participação do paranaense O. Blasi e do paleontólogo Paula Couto. Foi retirado dos abrigos um grande número de sepultamentos e de restos de indústria (sobretudo líticos e ósseos), mas de novo foi frustrada a esperança de se encontrar uma associação entre a fauna

pleistocênica e vestígio de ocupação humana. Desta forma, não houve publicação adequada dos resultados da pesquisa. Quinze anos depois, no entanto, W. Hurt enviou duas amostras de carvões provenientes de Cerca Grande para datações; os resultados apontaram para uma antiguidade inesperada (ambos entre 9.000 e 9.500 anos BP, não calibrados). Tratava-se, inclusive, das datações radiocarbônicas então disponíveis para o Brasil. W. Hurt e O. Blasi resgataram então parte das informações e fizeram uma publicação sintética das pesquisas realizadas em 1955 e 1956 (HURT; BLASI, 1969). Basicamente se reconhecia a existência de uma camada pulverulenta com vestígios de uma ocupação recente, com cerâmica não decorada, e de um pacote sedimentar do Holoceno antigo no qual se concentravam os sepultamentos, datado em mais de 9.000 anos. As peculiaridades das indústrias de quartzo, amplamente desconhecidas pelos arqueólogos da época, dificultaram o entendimento dos conjuntos lascados. Reconheceram a grande antiguidade da fabricação de lâminas polidas (pela sua presença na camada que proporcionou datações de cerca de 10.000 anos) que devíamos confirmar mais tarde em Santana do Riacho e de Buritizeiro, com maior segurança estratigráfica.



Figura 4. Parte da equipe de escavação da Lapa Vermelha e de levantamentos rupestres em 1976*.

Encorajada pelas datações antigas obtidas pelo pesquisador norte-americano, a pré-historiadora francesa A. Laming-Emperaire se interessou em montar uma Missão franco-brasileira para estudar a região de Lagoa Santa e procurar dados mais completos sobre o povoamento inicial, descrito de forma muito superficial pelas pesquisas anteriores. Já era conhecida por seus trabalhos sobre arte rupestre no Paleolítico europeu, suas pesquisas sobre o povoamento inicial da Terra do Fogo e sobre sambaquis do litoral paranaense e paulista. Para o estudo da pré-história

* Da esquerda para direita: A. Laming-Emperaire e Paulo Junqueira (sentados); em pé: Nadine Orloff, José Eustáquio Teixeira de Abreu, um geógrafo francês (logo atrás); Solange Caldarelli, Suzana Monzon (em frente), Ione Malta (logo atrás), Osvaldo Heredia; na frente, agachados: Carlos Magno Guimarães e Sidney Anthonioz (hoje, Picasso).

de Lagoa Santa, propunha-se uma perspectiva ampla, analisando o contexto geomorfológico dos sítios, as transformações da paisagem e as mudanças climáticas desde o Pleistoceno final. Tinha tido um breve contato com sítios da região em 1961, onde J. Penna a tinha convidado para conhecer os abrigos pintados. As primeiras prospecções, para escolher um sítio base, foram realizadas no inverno de 1971 em vários locais nas imediações dos atuais municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Confins e Matozinhos, com a participação de arqueólogos do Museu Paulista.

A maioria dos sítios encontrados estando depredada, escolhemos o abrigo nº IV da Lapa Vermelha (no atual município de Confins) apesar da pouca densidade de vestígios, por ele apresentar uma espessa sedimentação com estratigrafia extraordinariamente legível, sendo praticamente possível separar camadas de deposição anuais. Esperava-se assim conseguir um quadro evolutivo fino das mudanças ambientais.

As escavações intensivas foram realizadas nos anos de 1973 a 1976, com equipe grande (mais de 25 pesquisadores nos anos de 1973 e 1974) que incluía escavadores de vários estados (Mato Grosso, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso); em 1976, membros do recém-criado Setor de Arqueologia vinham representar o Estado de Minas Gerais.

Com efeito, o IPHAN tinha exigido que a pesquisa fosse utilizada como escola de escavação para jovens brasileiros. Participaram também pesquisadores de diversos países (Colômbia, Equador, Chile e França). Paralelamente, uma equipe realizava levantamentos rupestres sistemáticos, e o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB, do Rio de Janeiro) fornecia vários colaboradores à Missão; paralelamente ao trabalho realizado na Lapa Vermelha, uma equipe do IAB realizava em 1973 prospecções de sítios *Sapucaí* ao Norte de Lagoa Santa (Fase *Paraeopeba*).

As escavações na Lapa Vermelha, que foi sempre ocupada apenas periodicamente por pessoas de passagem, proporcionaram as primeiras datações mínimas para pinturas rupestres (enterradas) no Brasil e os restos do esqueleto da jovem que seria mais tarde popularizada sob o nome de “Luzia”. Tratava-se também dos mais antigos restos ósseos humanos datados nas Américas, embora a datação inicial de 11.680 anos BP (não calibrada) aceita pela pesquisadora em sua publicação inicial (LAMING-EMPERAIRE, 1979) seja antiga demais; ela provinha de um carvão encontrado junto ao crânio, mas ambos se encontravam em um setor perturbado, tendo o crânio, junto com vários blocos, afundado em uma pequena fossa de sucção. Analisando mais tarde a localização estratigráfica do resto do esqueleto, mostramos que a idade correta era de cerca de 11.000 anos (não calibrados) “apenas”. De qualquer forma, os elementos esqueléticos ainda *in situ* encontravam-se abaixo de um nível onde tinham sido encontrados vários coprólitos de preguiça gigante, comprovando-se assim a contemporaneidade entre o Homem e a megafauna extinta. O sítio proporcionou também uma grande quantidade de instrumentos de conchas, o que me levou a estudar sua fabricação, sua utilização e, mais tarde e com a ajuda de M. E. Solá, estudar o valor nutritivo dos grandes gastrópodes terrestres.

As mortes trágicas de A. Laming-Emperaire e de outros especialistas encarregados do estudo dos vestígios, assim como a desistência do Doutorando encarregado do estudo geomorfológico, fizeram com que o sítio nunca fosse devidamente estudado e publicado, embora pontos específicos da escavação e do material tenham sido apresentados em diversos contextos. O sítio encontra-se agora no interior de um Monumento Natural em nível estadual, mas o problema da estabilização do seu espetacular e didático corte não está ainda resolvido. Apesar de ter deixado sua empreitada inacabada, A. Emperaire deixou uma herança importante. Tinha comprovado a antiguidade do povoamento humano na região: o esqueleto e os coprólitos humanos da Lapa Vermelha, além de raras lasquinhas de cristal, e um instrumento lascado encontrado num contexto impreciso, mas estratigraficamente anterior a 15.000 anos.

Tinha demonstrado que a arte rupestre no Brasil, até então considerada recente pela maioria dos pesquisadores, era milenar. Também foi co-responsável pela criação do Setor de Arqueologia da UFMG, permitindo assim o surgimento de um centro de pesquisas acadêmicas no estado de Minas Gerais.

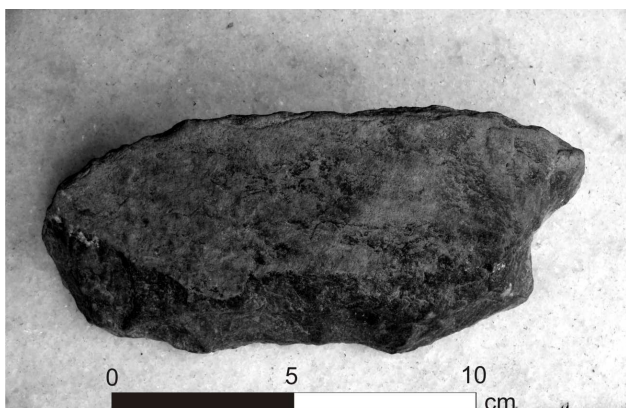


Figura 5. Instrumento lascado pleistocênico (entre 15.000 e 21.000 BP) da Lapa Vermelha IV

Nota-se que o material coletado durante as pesquisas do Museu Nacional e das duas Missões internacionais foi depositado no Museu Nacional, não existindo então nenhuma Instituição habilitada a recebê-lo nas Minas Gerais.

4.2 Os amadores

No mesmo período em que as Missões internacionais focalizavam os abrigos - onde se podia esperar achar mais facilmente vestígios concentrados e correspondendo a vários períodos, várias personalidades mineiras se interessavam pelos vestígios encontrados casualmente, ou pelos registros rupestres visíveis imediatamente sem escavações.

Entre eles, podemos lembrar o nome de Raul Tassini, museólogo e artista (foi aluno de A. Mattos), que foi funcionário na pequena cidade de Jaboticatubas onde identificou sítios arqueológicos (As grutas de Minas Gerais, 1939) e também coletou cerâmica em sítios de superfície da

região de Belo Horizonte; chegou a fazer um estágio com M. Beltrão no Museu Nacional, onde o conhecemos. Hélio Diniz, por sua vez, acompanhou a exploração mineral da gruta nº VI de Cerca Grande após o final da Missão chefiada por W. Hurt. Teria encontrado esqueletos humanos abaixo do piso estalagmítico sobre o qual tinham parado as escavações de 1956; seriam, portanto, esses achados anteriores a 10.000 anos. Também retirou esqueletos da gruta de Sumidouro. Conseguimos fazer com que M. Alvim, bio-antropóloga do Museu Nacional, pudesse ver e estudar este material, mas não conseguimos acesso aos vestígios líticos. Depois da morte do colecionador, negociações para conseguir esta coleção para o MHN-UFMG foram mal sucedidas; o material coletado por H. Diniz foi então entregue para o Museu particular da Lapinha, perto de Lagoa Santa. Este era mantido por M. Banyai, um fotógrafo húngaro imigrado depois da guerra. Colecionava curiosidades, peças paleontológicas e arqueológicas que coletava ou conseguia através de doações. Tentamos interessá-lo a uma colaboração com os arqueólogos e mostrar para ele práticas mais ortodoxas, convidando-o a acompanhar nossas pesquisas na Lapa Vermelha, aproveitando a presença na equipe de dois arqueólogos da CODEMAT de origem também húngara. A tentativa não surtiu efeito, e as relações foram doravante difíceis entre os arqueólogos e o colecionador entrincheirado em seu castelinho da Lapinha.

O Professor Sigfredo Marques Soares passou a organizar excursões aos sítios com pinturas rupestres na região de Belo Horizonte e até o alto vale do Rio Doce, onde despertou o interesse do jovem acadêmico Marcos Rubinger. Este, ainda estudante, registrou suas observações e hipóteses em cadernos datados de 1954 a 1956. A argúcia expressa nas anotações do jovem inexperiente e deslumbrado e suas intuições, muito à frente da sua época são, deveras, excepcionais. Foi profundamente lastimável sua perda para a arqueologia e para a antropologia.



Figura 6. M. Rubinger, segurando uma vasilha Tupiguarani

M. Rubinger suportou mal o exílio que se seguiu a sua fuga espetacular da prisão militar; com a saúde abalada, morreu logo depois da sua volta ao Brasil no momento da abertura. Conheci-o em 1976 em seus últimos meses de vida

e tive o prazer de prefaciar o pequeno livro póstumo que sua esposa organizou a partir de notas esparsas. Por contraste com a capacidade intelectual do estudante, parece ainda mais esdrúxula a publicação de C. Alvim (ALVIM, 1964) na qual este autor pretendia identificar o nível mental (obviamente considerado infantil) dos indígenas a partir dos desenhos por eles deixados nos paredões. Teria sido interessante pedir ao doutor Professor que ele mesmo desenhasse algo no quadro negro da sua sala, para depois retribuir o procedimento analítico.

5. Os estudos em pré-história do Setor de Arqueologia da UFMG

5.1. Primeiros passos

Em 1975, o arquiteto L. A. Péret, Diretor do recém-criado IEPHA e E. Cisalpino, Reitor da UFMG, ficaram sensibilizados pela ausência de uma instituição que pudesse pesquisar a pré-história de Minas Gerais. Precisava deixar de depender de missões vindas de fora e sofrer a alienação do patrimônio arqueológico retirado do estado. Encarregaram G. Alves Wainstein, da também recém-criada Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP), de prover a Universidade de um centro de pesquisa. Após um contato com a Missão francesa, que determinou minha contratação pela UFMG, decidiu-se criar um centro de pesquisas dedicado às ciências humanas. Desta forma renunciei ao meu cargo de Professor na USP para residir em Belo Horizonte. Pouco depois, Darcy Ribeiro (que acabava de voltar do exílio) ampliou o projeto, idealizando um “Museu do Homem” cuja estrutura física foi idealizada por O. Niemayer. Este projeto faraônico esbarrou em oposições políticas, e dele restou apenas o Setor de Arqueologia, instalado no Museu de História Natural da UFMG. A Reitoria encarregou-me de selecionar pessoas a partir de um curso de extensão que ministrei no Museu no final de 1975; realizamos os primeiros treinos da equipe em escavação nas Lapas de Eucalipto (apenas um teste preliminar) e do Carroção, perto de Pedro Leopoldo, no verão de 1975/76. Alguns membros do grupo participaram das escavações na Lapa Vermelha IV e da primeira expedição a Montalvânia, em 1976. Nos meses seguintes, a UFMG contratou três pessoas com as quais montei a primeira equipe do Setor, com a ajuda preciosa de vários colaboradores voluntários que dedicaram durante vários anos todo seu tempo livre às nossas pesquisas. Nosso grupo congregava historiadores, cientistas sociais, biólogos e geógrafos, com os quais pretendia criar um centro de estudos pluridisciplinares. Os primeiros laboratórios de estudos de materiais arqueológicos, de palinologia foram então instalados no Museu de História Natural. Pouco depois, o centro da NUCLEBRAS (hoje CDTN) montava seu laboratório de rádio-datação por análise de carbono 14. Montou-se até um laboratório de termoluminescência na UFMG, que não chegou a ficar operacional.

5.2 A primeira pesquisa intensiva: Santana do Riacho

Enquanto a equipe dirigida por A. Emperaire continuava escavando a Lapa Vermelha, decidi procurar na Serra do Cipó, 60 km ao Norte de Lagoa Santa, um sítio intacto e rico em vestígios, que não tivesse sido destruído pelos amadores. Após algumas tentativas frustradas (vários sítios tinham sido esburacados), decidi fixar-me no grande abrigo de Santana do Riacho, que tinha sido protegido dos amadores pelos proprietários.

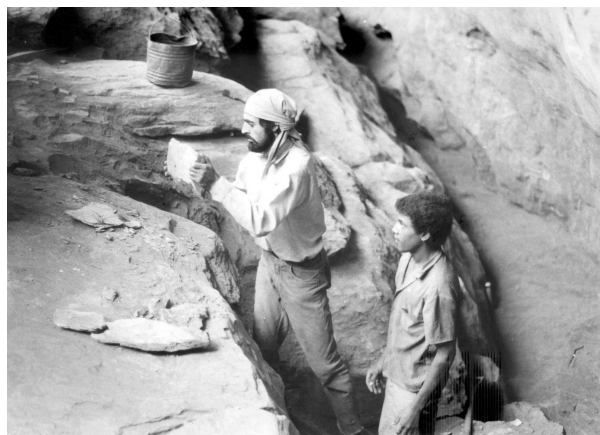


Figura 7. Foto de A. Prous com um auxiliar na Lapa Vermelha IV em 1974

As primeiras sondagens em 1976 evidenciaram uma grande riqueza em material e a presença de sepultamentos. Desta forma coordenei uma equipe de escavações enquanto encarregava dos levantamentos rupestres P. Colombel, um técnico especializado da Missão francesa. As escavações foram realizadas entre 1976 e 1979 e somaram cerca de quatro meses. Ainda voltamos várias vezes nos anos seguintes para estudos complementares de vegetação, geomorfologia e levantamentos rupestres. A ocupação no abrigo revelou uma profundidade cronológica de quase 12.000 anos (não calibrados; uma datação direta dos ossos de um esqueleto, em 13.000 anos, não deve ser considerada, pois a sua posição estratigráfica implica uma antiguidade pouco maior que 8.000 anos). Os principais resultados foram a localização de um cemitério deixado pelos representantes da população dita “de Lagoa Santa” em contexto muito bem datado e a observação minuciosa dos ritos funerários. Ao estudar as indústrias desde o Holoceno antigo até o período pré-cerâmico recente, entendemos finalmente as características do trabalho de quartzo, realizado em grande parte sobre bigorna. Este procedimento era ignorado pela grande maioria dos pré-historiadores na época, apesar de ter sido mencionado por H. Breuil desde os anos de 1920 em indústrias do Paleolítico antigo da China. Pudemos generalizar o reconhecimento desta técnica na América do Sul, ao mesmo tempo em que se instalava nosso laboratório de traceologia que iniciava o reconhecimento dos micro-vestígios de utilização em gumes de pedra (PROUS & LIMA, 1991; LIMA & MANSUR, 1991). Conseguimos também datar neste sítio várias pinturas feitas em blocos caídos do teto - inclusive com datação ao mesmo tempo mínima e máxima - e períodos (um antigo, outro do

Holoceno médio) de intensa preparação de pigmentos. Enfim, pudemos estudar detalhadamente numerosos restos alimentares. Restos de pequi, coquinhos e jatobá ocorriam nos sepultamentos desde quase 10.000 anos atrás, enquanto grãos de milho pré-histórico eram coletados em cerca de 2.000 anos (em contexto seguro) e talvez 4.000 anos (em contexto duvidoso). Instrumentos de fibras e adornos vegetais foram também preservados (PROUS; MALTA coord., 1991; PROUS coord., 1992).

Fora do grande abrigo realizamos nos arredores, ao pé da Serra do Cipó, levantamentos de sítios a céu aberto (sondamos “casas subterrâneas” em Pula Cinco) ou abrigados. Entre estes últimos destacaremos Sucupira, que forneceu elementos excepcionais de cronologia relativa para os sucessivos estilos de pintura, e o Morro Vermelho, onde pinturas do período histórico (uma bela evocação da cidade de Mariana) sobrepõem grafismos pré-históricos.

5.3. Pesquisas no vale dos rios Cochá e Carinhanhá (região de Montalvânia)

Nos mesmos anos em que começávamos as escavações sistemáticas em Santana do Riacho, preparávamos novas frentes de pesquisa. Em junho de 1976, o Prefeito e fundador da cidade de Montalvânia, Antônio Montalvão, tinha procurado o IEPHA, buscando quem estudasse as gravuras e pinturas rupestres desta região do Norte do estado.

Convidados ao encontro, A. Emperaire e eu ficamos muito impressionados pela riqueza arqueológica do alto médio São Francisco; fui então encarregado de levar um pequeno grupo para visitar uma amostra dos sítios descobertos pelo Prefeito e seu capanga, João “geólogo”. Na volta da expedição, foi decidido que realizaria escavações num sítio e organizaria prospecções sistemáticas nos arredores de Montalvânia no ano seguinte (1977). Foi então que A. Emperaire faleceu. Decidi não prolongar mais as escavações na Lapa Vermelha, tanto por razões pessoais quanto por considerar que este sítio já tinha entregado o que de mais importante podia fornecer e que se precisava manter o grande corte remanescente para fins didáticos.

Com a morte trágica de A. Laming-Emperaire em 1977, decidi recusar a proposta de voltar para França, escolhendo fixar-me em Belo Horizonte para firmar o novo grupo de pesquisa. Pouco depois, em 1981, o Ministère des Affaires Étrangères francês encarregou-me de liderar uma Missão Francesa em Minas Gerais. Desta forma, tive um apoio financeiro modesto, porém constante, para pesquisas em simbiose com a equipe do Setor de Arqueologia da UFMG.

A campanha de 1977 em Montalvânia foi dedicada ao estudo do sítio do Dragão (escavações e levantamento sistemático dos grafismos rupestres) e à prospecção: mais de 50 sítios foram registrados, mercê ao apoio de João “geólogo”, apesar da derrota de A. Montalvão nas eleições municipais, evento que acarretou dificuldades imprevistas e episódios tragicômicos para nossa expedição. Mais uma vez, as escavações privilegiavam um abrigo, pois este tipo de sítio tem a vantagem de concentrar vestígios, ser reocupado frequentemente e oferecer uma estratigrafia contrastada, proporcionando assim informações para

documentar as modificações comportamentais ao longo do tempo dentro de um mesmo ambiente; finalmente, nos abrigos secos de Minas Gerais preservavam-se matérias perecíveis. As pesquisas realizadas em Montalvânia mostraram-nos, por contraste, a grande diferença existente entre a ocupação do platô e das serras do centro de Minas Gerais de um lado, e aquela desta parte do vale do rio São Francisco. Os conjuntos gráficos parietais de cada região refletiam obviamente conceitos totalmente diferentes. As variações na indústria lítica em sílex eram bem mais facilmente perceptíveis no Norte do estado, a partir das indústrias de sílex, que no centro, onde predominava o quartzo. Finalmente, verificava-se em Montalvânia a presença de maior quantidade e variedade de vestígios vegetais particularmente bem preservados - inclusive de plantas cultivadas.

Apesar dos projetos iniciais de continuar a pesquisa na região, ficamos vários anos sem voltar em Montalvânia. A distância era muito grande, o asfalto não ia além de Montes Claros, e não se podia mais contar com o apoio irrestrito da Prefeitura. Mesmo assim, queria realizar um estudo aprofundado de uma região do vale do rio São Francisco um pouco mais próxima de nossa base de Belo Horizonte, para melhor expor a oposição entre as duas regiões - Centro e Norte mineiro. Para tanto, resolvi fixar minha atenção sobre o vale do rio Peruaçu. Voltamos, no entanto, em Montalvânia nos anos de 1990, essencialmente para completar os levantamentos rupestres. Com efeito, nossas pesquisas no vale do rio Peruaçu tinham evidenciado a existência de numerosos pontos comuns nos registros rupestres das duas regiões do alto médio São Francisco (presença dos mesmos estilos e tradições, na mesma sequência), mas também, de diferenças significativas. Estas iam permitir diferenciar o *Complexo Montalvânia* (muito mais desenvolvido no município epônimo - onde se expressava, sobretudo, na forma de gravuras) (PROUS; RIBEIRO, 1996) - da *tradição São Francisco* (esta, predominante no vale do rio Peruaçu).

5.4. As pesquisas no vale do Rio Peruaçu (região de Januária e Itacarambi)

Antônio Montalvão foi quem nos falou pela primeira vez das ocorrências do Vale do rio Peruaçu. Quando desistimos de continuar as pesquisas em Montalvânia, enviamos um primeiro grupo de prospecção ao vale, em 1978, numa expedição realizada em conjunto com A. Bryan e R. Gruhn, com os quais havia então um projeto de colaboração - iniciada com sondagens na região de Montes Claros. Esta colaboração não foi adiante, mas nossa equipe franco-brasileira iniciou em 1981 um longo programa de pesquisas na região, cujas atividades de campo foram desenvolvidas até 1995. As escavações concentraram-se inicialmente em abrigos (Boquete, Malhador, Bichos, Caboclo, Índio), mas foram mais tarde estendidas a sítios abertos (Boquete externo, Terra Preta, Antônio Cardoso, Russinho, etc.) para permitir uma visão mais completa da ocupação do vale. Verificou-se a modificação da forma de ocupação assim como da tecnologia ao longo dos milênios de ocupação. Os belos pisos do primeiro momento de uso dos abrigos

(datados em 12.000 anos - não calibrados) proporcionaram vestígios muito variados e ricos em estruturas *in situ*, embora não tivéssemos encontrado estruturas funerárias datadas do Pleistoceno final nem do Holoceno antigo. Os primeiros vestígios datados de grafismos rupestres datam desta época (gravuras com cerca de 9.000 anos), assim como restos de pigmentos vermelhos. O período Holoceno médio, longe de ser caracterizado por um abandono da região, é marcado nos abrigos por uma intensa atividade de utilização de pigmentos, provavelmente destinados à pintura das paredes e dos tetos. No entanto, as atividades de fabricação e uso de instrumentos de pedra e osso que eram frequentemente realizadas anteriormente em abrigos tornam-se mais raras neste período, sendo provavelmente executadas em sítios a céu aberto. No Holoceno superior os abrigos foram utilizados intensivamente para guardar cestos de alimentos (“silos” contendo milho, mandioca, feijão e amendoim, além de frutos silvestres) e, de maneira mais casual, para enterrar mortos. Por outro lado, o estudo dos paredões decorados, pelo qual se verificou uma mesma sequência em todos os sítios, permitiu detalhar a modificação dos temas e das formas de representação ao longo do tempo; na Lapa dos Desenhos, oito “momentos” estilísticos puderam assim ser separados, e tentamos relacioná-los com os níveis encontrados nas escavações. De qualquer forma, era óbvio que os abrigos nunca tinham sido locais de habitação, mas apenas de frequência mais ou menos esporádica, pois os restos de subsistência não eram representativos de atividades cotidianas. Infelizmente, nunca encontramos lixeiras alimentares, que não se preservaram nos locais a céu aberto que escavamos; mesmo assim, as pesquisas no vale do rio Peruaçu proporcionaram um quadro comparativo e de referência muito rico para todo o Brasil central e, particularmente, para o médio vale do São Francisco. (PROUS; RODET coord., 2009).

5.5 Os (e as!) ceramistas Tupiguarani

Após o fim das escavações no Peruaçu decidimos deixar a arqueologia dos povoados antigos, dos registros rupestres, dos restos alimentares e dos abrigos. Colaboradores que pesquisavam o Médio Vale do Rio Doce (BAETA ET AL, 1997) e colegas da UFJF que trabalhavam na Zona da Mata (OLIVEIRA ET AL, 2006) convidaram-nos a participar das suas escavações em sítios tupiguarani. Considerando a riqueza destas regiões em sítios e entusiasmado pela qualidade das pinturas em cerâmica que apareciam num sítio de Conceição dos Ouros, decidi montar um projeto para estudar esta tradição. Após uma fase intensa de pesquisas no tempo do PRONAPA, a Tradição tupiguarani tinha saído de moda e parecia esquecida pela arqueologia acadêmica. Parecia-me urgente estudar sítios inteiros para analisar sua estrutura interna, visitar sua indústria (particularmente, lítica, praticamente desconhecida) e abordar seriamente a iconografia das cerâmicas pintadas, até então praticamente esquecida e que me pareciam um meio de abordar a territorialidade dos diversos grupos ligados a esta Tradição. Assim, montei um projeto de arqueologia tupiguarani para o Sul de Minas

Gerais. Logo depois de colaborar a uma pesquisa dos sítios de baixa altitude acima do Rio Doce, realizada no âmbito de uma pesquisa de resgate, escavamos no município de Andrelândia um sítio notável pela presença de “casetas” modeladas. A seguir, organizei a escavação completa do sítio Florestal 2 de Itueta (2001/2004), situado em topo de morro abrupto e fora da zona de resgate, para estudar a ocupação deste tipo de sítio estratégico, até então inexplorado pela arqueologia tupiguarani. A aldeia tinha sido ocupada durante um tempo aparentemente restrito e foi preservada quase intacta. Desta forma, sua estrutura estava legível, se tornava possível estudar a tralha de cada uma das habitações, assim como dos postos de trabalhos situados fora das casas (PROUS & LIMA, 2010). Ao analisar os vestígios líticos, fomos levados a estudar os instrumentos com dentes de pedra destinados a ralar mandioca, mencionados entre os Tupis do século XVI, mas nunca documentados nem etnograficamente nem arqueologicamente entre eles ou entre os Tupi e Guarani históricos. Este trabalho desdobrou com a análise de instrumentos atuais dos índios Baniwá e Waiwai. Realizamos observações entre grupos Waiwai do Amazonas e do Pará (PROUS ET AL, 2009), além da fabricação de réplicas e experimentação. Os instrumentos líticos utilizados brutos também receberam particular atenção (PESSOA LIMA, 2009).

Levamos nossos colegas brasileiros, uruguaios e argentinos de todas as tendências a compor uma obra coletiva sobre os vários aspectos da arqueologia tupiguarani e sobre o mundo simbólico dos seus prováveis descendentes (PROUS; LIMA eds., 2010). Finalmente, ampliamos o estudo das pinturas tupiguarani às coleções de todo o Brasil, da Argentina e do Paraguai, cujo catálogo realizado com o auxílio de numerosos colegas está em fase final de publicação (PROUS; LIMA, 2010; ROCHA; PROUS; JÁCOME coords.). Gostaria também de mencionar os indícios de fornos tupiguarani para queimar cerâmica, encontrados em sítios dos municípios de Conceição dos Ouros, Aymorés e Itueta. Infelizmente, os resultados de todas estas pesquisas estão longe de ser ainda publicados adequadamente (embora se possam consultar o volume 3 de PROUS; LIMA eds. 2010; BAETA; LIMA; PILÓ 2009; PILÓ; BAETA; LIMA, 2009) .

5.6. Buritizeiro e Bibocas

Já nos anos de 1980, uma equipe da UFMG tinha constatado a existência de um importante cemitério pré-cerâmico frente à Pirapora, na cidade de Buritizeiro. O sítio era relevante por ser um local a céu aberto numa situação estratégica para a pesca, a proximidade da confluência do Rio das Velhas e com o Rio São Francisco. Apresentava características situacionais que ainda não tínhamos encontrado nos sítios pré-cerâmicos até então escavados, além de conter uma indústria sobre seixos que nos interessava desde os anos de 1980 (PROUS, 1995). Quase 20 anos depois, W. Neves obteve uma datação de 6.000 BP para uma das amostras ósseas coletadas por nossa equipe nesta época. O estudo deste sítio tornava-se assim mais relevante, pois se tratava do primeiro cemitério no Brasil

que pudesse fornecer uma boa amostra de esqueletos do Holoceno médio. Discutia-se a forma pela qual tinha ocorrido a substituição de populações paleoíndias não mongolizadas (ditas “de Lagoa Santa”) bem datadas entre ca. 11.000 e 8.000 BP por populações modernas mongolizadas (bem representada somente a partir de ca. 4.500 BP, nos sambaquis). Teria havido uma evolução gradual de uma morfologia para outra? Uma substituição traumática de população? Esperávamos que o cemitério de Buritizeiro poderia fornecer elementos de resposta por inserir-se no período intermediário. Realizamos, portanto, entre em 2005 e 2009, uma escavação sistemática de parte do terreno que tinha escapado da destruição nos anos de 1980. Como não dispúnhamos de bio-antropólogos para analisar os vestígios esqueléticos, asseguramos uma colaboração com o Laboratório de Estudos Evolutivos do Instituto de Biologia da USP.

Nos níveis correspondendo ao cemitério (entre 5.000 e 6.000 BP - datas não calibradas), a indústria óssea é particularmente interessante, evidenciando a utilização de pontas de diversas características e funções. A análise do amido preservado em superfícies de moagem comprovou a presença de plantas cultivadas num período muito mais remoto do que se supunha até então, confortando nossa antiga afirmação de que os procedimentos agrícolas seriam bem anteriores ao aparecimento da cerâmica. A delicada curadoria dos restos esqueléticos faz com que somente observações preliminares sobre a população enterrada no sítio tenham sido realizadas até agora, mas já se verificou diferenças nítidas nos acompanhamentos funerários (tanto na indústria lítica quanto óssea) dos diversos enterramentos: uns com conjuntos de grandes pontas losangulares (provavelmente reunidas em aljava); outros com grandes mós; outros, com “estojo de viagem”, etc. (PROUS; RODET, 2009).

Para não ficarmos limitados ao estudo de um único sítio isolado de todo contexto, a equipe do MHN também realizou, sob a coordenação de M. J. Rodet, prospecções e escavações em abrigos do município de Jequitai, enquanto M. Castro e Silva e R. Tobias Jr encarregavam-se dos levantamentos rupestres nos arredores. O abrigo Bibocas II permite estudar a transformação das indústrias, que aproveitaram tanto o quartzito dos paredões, quanto o silexito regional e o quartzito cristalino. O registro rupestre, por sua vez, acompanha a transição entre as formações quartzíticas e calcárias: as principais manifestações estilísticas dividem-se entre os dois espaços geológicos, como se os pré-históricos ressentissem suas paisagens diferenciadas como marcadores de territórios separados.

Ainda é cedo para fazer o balanço da arqueologia regional, pois as escavações em Jequitai não terminaram e a análise do sítio de Buritizeiro não está concluída. Mesmo assim, podemos salientar o interesse excepcional da comparação entre as indústrias do abrigo e do sítio a céu aberto, que se desenvolvem paralelamente desde mais de 10.500 anos atrás, mas privilegiando matérias-primas locais de qualidades diferentes e suportes (seixos, cristais ou blocos). Assim se pode estudar como dois grupos contemporâneos e vizinhos (ou talvez até, um único grupo) adaptam-se às condições locais, modificando sua forma de

fabricar instrumentos. Por outro lado, articulando as pesquisas realizadas nas terras altas do centro mineiro (perto de Diamantina sob a coordenação de A. Isnardis; de Montes Claros, sob a coordenação de L. Bueno), estamos tentando determinar as relações e as oposições entre a região Serrana e o vale do rio São Francisco, interligados justamente pelo curso do rio Jequitai.

5.7. Diamantina e Montes Claros

Paralelamente às pesquisas em Buritizeiro, o Setor realizava pesquisas na região de Diamantina, coordenadas por A. Isnardis. Escavações foram realizadas em sítios de abrigo (Lapas do Boi e do Caboclo) e em sítio aberto (Garimpo do Turco). Os níveis mais antigos (aqui também datados em cerca de 10.500 anos - não calibrados - BP) dos abrigos revelaram uma bela indústria com peças cuidadosamente trabalhadas em quartzito hialino e em quartzito claro de ótima qualidade. Uma verdadeira lacuna de registro arqueológico e sedimentar ocorre no Holoceno médio. Nos níveis superiores de ocupação foram encontrados pacotes funerários preservados dentro de tubos de casca, fechados por tampos de couro animal. Nos níveis subsuperficiais, os vestígios líticos deixados pelos últimos frequentadores indígenas dos abrigos misturavam-se com os restos de lascamento atuais feitos pelos garimpeiros atuais. Com efeito, nesta região riquíssima em monocristal, a produção é vendida principalmente às indústrias que precisam de sílica pura. Desta forma, é preciso descorticar totalmente os cristais, cuja superfície retém impureza. Esta operação é realizada durante o almoço, na sombra dos abrigos e abaixo dos paredões pintados. Desta forma, a pesquisa arqueológica gerou um trabalho etnográfico; além de se analisar os refugos atuais (em abrigo, e em amontoamentos monticulares a céu aberto), estudam-se as práticas e repartição de tarefas nas aldeias que vivem do garimpo e da preparação dos cristais. A arte rupestre da região apresenta muitos conjuntos temáticos em comum com aquela de Lagoa Santa e da Serra do Cipó, mas com traços estilísticos próprios. A pesquisa seguiu quatro direções principais. O estabelecimento de uma cronostilística; a determinação dos critérios de escolha de certos abrigos em função das suas características morfológicas e da sua situação na paisagem; a preferência de cada unidade estilística por suportes específicos; enfim, o reconhecimento dos processos de elaboração gráfica e a recuperação ou a integração dos grafismos anteriores por pintores pré-históricos mais recentes.

Uma expedição tinha sido realizada em 1976 na região cárstica de Montes Claros por A. Bryan e R. Gruhn (Universidade de Alberta, Canadá) com a participação de membros do Setor de Arqueologia da UFMG e sob nossa coordenação formal. A sondagem da Lapa Pequena tinha proporcionado vestígios de uma ocupação datada em 7.000 BP. Entre outros vestígios líticos, numerosas bigornas tinham atraído nossa atenção, levando-nos a trabalhar sobre os instrumentos utilizados brutos (percutores e bigornas), com intensas experimentações e análises de vestígios de utilização (MOURA; PROUS, 1989). A Lapa Pintada próxima apresentava um amplo espaço, protegido por

pinturas rupestres. Em 2007, L. Bueno e A. Isnardis, desejosos de estudar a região intermediária entre Diamantina e o vale do Rio Peruaçu, decidiram sondar as partes ainda intactas do sítio, assim como dois outros abrigos, encontrando silos bem preservados contendo vegetais cultivados, parecidos com aqueles do vale do rio Peruaçu (BUENO ET AL, 2008; BUENO, *no prelo*).

5.8. Pesquisas assistemáticas, ou realizadas fora do estado

5.8.1. Pesquisas fora de programas

Realizamos várias pesquisas oportunísticas ou de âmbito limitado. Entre elas, destacaremos escavações paleontológicas em 1976 (na gruta da Preguiça que, mais tarde, W. Neves rebatizaria “Cuvieri”) e estudos de ossos de preguiça gigante e mastodonte com marcas de corte e desarticulação com instrumentos líticos (PROUS; GUIMARÃES, 1981). Foram também feitas prospecções de sítios cerâmicos a céu aberto na região de Lagoa Santa (1976/78) e escavações de uma aldeia circular Sapucaí em Ibiá (1980).

Realizaram-se levantamentos rupestres preliminares nas regiões de Diamantina e da Serra do Cipó (1976/82). Levantamentos sistemáticos foram feitos com a participação destacada de A. Baeta, A. Siqueira e J. Motta na região arqueológica dita “de Lagoa Santa” (anos de 1970 até 1990) e perto de Cocais (1987/88). Fizemos prospecções no município de Arcos a pedido do Prefeito da cidade, levantando casas subterrâneas e abrigos com inscrições rupestres. Foram realizadas várias operações para atender solicitações do IPHAN ou da Promotoria Pública. Citaremos como exemplo escavações para resgatar estruturas funerárias (São Gotardo, Iguatama, Ipanema e Belo Vale); escavações e sondagens, assim como levantamentos rupestres no município de Andrelândia. Esta última operação levou em 1986 à criação de um Parque, realizado por iniciativa de uma ONG local (o NPA). Fomos também solicitados a verificar achados de corpos mumificados e trançados preservados na Gruta dos Puris em Carangola, mas nossas recomendações restaram sem efeito.

Membros do Setor de arqueologia da UFMG participaram oficialmente de pesquisas ou atividades realizadas por grupos de outras instituições: Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Sergipe, MAE-USP, etc. Em troca, recebemos pesquisadores ou estagiários da Universidade Estácio de Sá, da Universidade Federal da Bahia. Estudantes e pesquisadores de vários estados participaram de cursos promovidos pelo Museu de História Natural da UFMG.

5.8.2. A miragem das Amazonas: Alto Trombetas e Marajó

O recebimento de uma coleção de cerâmica e de peças líticas Konduri provenientes do baixo Trombetas despertou, pela primeira vez, o interesse do Setor de Arqueologia para esta cultura pouco estudada até então; este material foi, na

época, estudado e publicado por C. M. Guimarães. A criação do curso de pós-graduação em Antropologia (integrando arqueologia e antropologia) levou à elaboração, em 2010, de um projeto comum envolvendo arqueólogos e antropólogos, nos formadores do rio Trombetas (PA) onde o etnólogo R. Caixeta de Queiroz trabalhou há mais de um decênio com os grupos indígenas. Tratava-se de um trabalho ainda em fase de realização, sob a responsabilidade conjunta minha e de C. Jácome, cujos primeiros resultados são ainda inéditos. Arqueologicamente, verificou-se uma antiguidade de cerca de 7.000 anos da ocupação humana. A maioria dos sítios em análise, no entanto, é formada por terras pretas bem mais recentes. Tentamos avaliar as relações entre as Guianas e o vale do baixo Amazonas, a partir da análise da cerâmica, dos vestígios líticos e do registro rupestre gravado e pintado.

Paralelamente, realizamos uma pesquisa sobre a utilização e a iconografia das tangas marajoaras, que levou à fabricação de réplicas e testes de utilização com a participação de bolsistas e estagiárias do Setor.

5.9. Principais colaborações

As pesquisas do Setor de Arqueologia da UFMG foram realizadas em colaboração com vários laboratórios da UFMG e, também, de outras Instituições. Já mencionamos a forte relação com a Missão Francesa na realização dos principais programas. Mantivemos parcerias com o laboratório de geomorfologia da Universidade de Caen; com o CDTN (Laboratório de Radiocarbono, nos anos de 1990; programas de estudos de cerâmica por ativação nuclear, de 1997 a 2005). Com o LEEH do Instituto de Biologia da USP (bio-antropologia); com o MAEA da UFV (arqueologia tupiguarani). Aproveitamos a colaboração de colegas de diversas Instituições: Museu Nacional e Estácio de Sá; da EMBRAPA de Piracicaba e de Brasília (genética de plantas cultivadas antigas), e outros muitos.

Equipes ou pesquisadores do MHN da UFMG, em parceria com o CPRM, o IBAMA ou com o Ministério Público, atualizaram o mapa dos sítios do carste de Lagoa Santa; participaram da definição dos limites ou do plano de manejo de APAs, PARNAs, Monumentos Naturais Estaduais e Federais (Serra do Cipó, Sumidouro, Gruta Rei do Mato, RPPN do Instituto Terra, Itambé, Biribiri, Rio Preto, Peruaçu).

Pesquisadores da UFMG têm também apoiado pesquisas de equipes de outros estados UFS (A. Prous), UFBA, UFRN, Museu Paraense Emílio Goeldi (M. J. Rodet e D. Duarte Talim), etc. Estivemos também em Missão pelo ICOMOS ou realizando perícias em diversos países da América Latina.

6. A arqueologia do período histórico feita por equipes da UFMG e colaboradores

Em seus primeiros anos, o Setor de Arqueologia dedicou-se particularmente à arqueologia pré-histórica, mas registrava também ocorrências de interesse histórico. C. M. Guimarães passou a se especializar neste campo, criando em 1995 um Laboratório de Arqueologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH-UFMG).

6.1. Arqueologia da resistência e da repressão

Em 1978, a equipe de prospecção do MHN teve oportunidade de visitar vários sítios ocupados por Quilombos na região Diamantina. Em 1981, reconheceu Quilombo do Ambrósio, entre Campos Altos e Ibiá, à qual se seguiram escavações. Um estudo destas manifestações de resistência à escravidão foi então realizado por C. M. Guimarães que iniciou escavações neste último local. A pesquisa evidenciou a profunda diferença de estrutura entre os Quilombos em região de mineração e os Quilombos estabelecidos em região agrícola (GUIMARÃES; LANNA, 1981). Mais tarde, vários (ex)membros e colaboradores do Setor estudaram cavernas utilizadas por escravos fugitivos (Serra da Moeda) (BAETA; PILÓ, 2009), postos militares (Ilha da Lorena, no Rio Doce) e quartéis militares no Jequitinhonha para controlar os movimentos dos indígenas (CEDEFES, 2003), assim como sedes e senzalas de Fazendas coloniais (JUNQUEIRA, 2010).

Em 2010, a contratação de novos arqueólogos pela UFMG reforçou esta linha de pesquisa dos vestígios da escravidão e de populações afrodescendentes. L. C. Symanski estuda senzalas de engenhos de açúcar e de fazendas de café nos campos de Goytacazes e de Santa Rita de Jacutinga. Procura assim elementos sobre as configurações econômicas, sociais e culturais desenvolvidas pelos grupos escravizados. Espera-se encontrar indicadores de cosmologias, resistência e reconstrução de identidades. M. Torres, por sua vez, desenvolve um trabalho sobre a Diáspora africana levando em conta seus aspectos e consequências em ambas as margens do oceano Atlântico: retenção e emergência de práticas culturais, religiosas e econômicas; espaço social e paisagens ligados à Diáspora, influência da imigração africana sobre as relações raciais.

Dentro de um projeto de “Arqueologia da Inconfidência Mineira”, C. M. Guimarães vem mapeando trechos de estradas reais, estalagens e locais de exploração de pedras na região de Ouro Preto (GUIMARÃES ET AL, 2010). Na mesma cidade, estudou também o Morro da Queimada, palco da revolta de Felipe dos Santos em 1720.

Com a integração do arqueólogo argentino Andrés Zarankin à equipe de arqueologia histórica da FAFICH, uma vertente mais moderna da violência repressiva passou a ser também contemplada: o estudo dos campos de concentração da ditadura militar argentina e a conformação dos chamados sítios da memória.

6.2. Arqueologia da Mineração

Vários arqueólogos estudaram as áreas de mineração de ouro e de ferro. Podem-se destacar as pesquisas realizadas por Paulo Junqueira no Gongo Soco (Barão de Cocais) e Brucutu, as de Mariana Gonçalves na fábrica Patriótica - a primeira fábrica de ferro fundido em Minas, instalada por Eschwegue, e as de A. Baeta no sítio do Gogó, onde se pode documentar uma grande variedade de formas de exploração, assim como as estruturas associadas (igreja e cemitério dos Ingleses, caminhos, casas, comércios, represas, etc.). L. Ribeiro e D. Leanza (2006) pesquisaram a mineração

Córrego de Cuiabá em Sabará, enquanto G. Henriques (2008) estudava as Minas do Socorro em Barão de Cocais. C. M. Guimarães analisa particularmente os processos de degradação ambiental decorrentes da mineração de ouro (e também, do ciclo do café), dentro de uma perspectiva de arqueologia ambiental.

6.3. Arqueologia rural e urbana

Inesperadamente, a arqueologia das igrejas barrocas de Minas Gerais parece quase inexistente, sendo sua restauração confiada a arquiteto sem intervenção de arqueólogos. Uma das poucas exceções ocorreu na matriz de Tiradentes, cuja reforma foi monitorada pela arqueóloga T. Portela em 2004. Entre as fazendas históricas estudadas, mencionaremos as da Jaguará (escavações realizadas por P. Junqueira e F. Lopes de Paula) e de Bom Jardim (por A. Baeta). Esta última pesquisadora também pesquisou a rede colonial de canalizações e levantou as minas de ouro da cidade de Mariana.

A arqueologia dos jardins, iniciada pelos japoneses em Nara, teve início tardio no Brasil. Um trabalho pioneiro foi realizado por F. Lopes de Paula e A. Baeta na oportunidade da renovação da Praça da Liberdade em Belo Horizonte (1990). Mais tarde, esta última arqueóloga procurou os vestígios históricos dos Jardins do Palácio do Bispo de Mariana, dos quais se tem uma aquarela de José Joaquim Viegas de Menezes pintada em 1809. Tinham sido mencionados com louvor por Auguste de Saint-Hilaire em 1817, e Dom Pedro II se banhou em uma das suas fontes em 1881. Finalmente, pesquisou o quintal da casa da Baronesa em Ouro Preto. Dentro desta perspectiva, escrevi um estudo sobre evolução dos jardins no mundo e sua relação com as filosofias e sociedades que os tinham produzido, incluindo observações sobre jardins contemporâneos da região metropolitana de Belo Horizonte - particularmente, de Lagoa Santa (PROUS, 2000).

6.4. Arqueologia da Antártida

O Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH-UFMG), liderado por A. Zarankin desenvolve, desde 2010, pesquisas em ilhas da Antártida (Shetland do Sul). A equipe tri-nacional (Brasil, Argentina e Chile) estuda os vestígios dos primeiros estabelecimentos humanos na margem deste continente. Trata-se das bases para os caçadores de mamíferos marinhos. Até então, a história destes empreendimentos fundamentava-se nos documentos escritos deixados pelos oficiais dos navios, focalizando as personagens situadas no topo da escala hierárquica. Pesquisas iniciais foram realizadas a partir de 1995 por uma equipe argentina do CONICET integrada por A. Zarankin. Com a escavação das bases terrestres iniciadas em 2010, tornou-se possível resgatar o cotidiano dos grupos operários. Desta maneira, foram encontradas estruturas de pedra, materiais de construção e mobiliário (pregos, estacas de madeira, coberturas em couro e vértebras de baleia usadas como fogão). Foram recuperadas peças de vestuário (tecidos, botões, luvas e sapatos), restos de alimentação (ossos, *grès* e vidros), armas brancas e pederneiras e munições para armas de fogo. Ossos e couros de animais

abatidos, estacas de madeiras usadas para o abate atestam a função primordial dos estabelecimentos, enquanto fichas de jogos, tabuleiros e cachimbos documentam os momentos de lazer. Todos estes vestígios estão sendo estudados e tratados em colaboração com o Laboratório de Ciências da Conservação (LACICOR) da UFMG.

7. Outros grupos de pesquisa e divulgação da arqueologia nos anos 1970/2013

7.1. Pesquisas acadêmicas realizadas por equipes de outros estados da Federação

7.1.1. O Instituto de Arqueologia Brasileira

Ao mesmo tempo em que se criava o Setor de Arqueologia, o Instituto de Arqueologia Brasileira, liderado por O. Dias Jr., iniciava em meados dos anos de 1970 pesquisas no estado Minas Gerais, com o objetivo de realizar prospecções ao longo do rio São Francisco. Perto das cabeceiras do mesmo, observou, pela primeira vez, a presença de casas subterrâneas no estado; mais para jusante, depois de uma breve visita ao município de Montalvânia, os responsáveis pelo IAB, provavelmente influenciados pela experiência adquirida em Lapa Vermelha, decidiram realizar pesquisas mais intensivas e localizadas, decidiu (sobretudo, desenvolveu, nos anos de 1980, escavações de ampla superfície nos municípios de Unai (Lapas da Foice e do Gentio 1976/87) e de Varzelândia (Boqueirão Soberbo, Lapa do Varal - 1982/92). Estes trabalhos trouxeram importantes contribuições ao conhecimento dos ritos funerários e dos vegetais cultivados na pré-história tardia de Minas Gerais. Verificou-se a antiguidade da arte rupestre na região, a partir do achado de um bloco pintado enterrado em nível pré-cerâmico. Após uma visita inicial realizada em 1976 pelo IAB na Serra do Cabral, P. Seda, também do IAB, iniciou em 1990 um trabalho de prospecção sistemática e de sondagens (Lapa Pintada III de Buenópolis) nesta formação. As pesquisas deste arqueólogo justificaram a criação, em 2005, do Parque Estadual da Serra do Cabral (PESCABRAL).

7.1.2. Pesquisadores da Universidade de São Paulo

Desde muito jovem, o mineiro W. Neves sonhava em escavar em Lagoa Santa e, particularmente, no sítio de Sumidouro de Fidalgo onde Lund tinha trabalhado. Depois de colaborar com a UFMG, realizando a curadoria e analisando os esqueletos da população de Lagoa Santa e Santana conservados no MHN, iniciou em 2000, uma pesquisa em abrigos com sua equipe do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos da USP. Depois de trabalhar na Lapa do Sumidouro para controlar as descrições de Lund, escavou na Lapa das Boleiras (já parcialmente estudada por W. Hurt) e finalmente a Lapa do Santo, onde encontrou um importante cemitério da população “de Lagoa Santa”. O estudo minucioso dos restos esqueléticos permitiu

observar manipulações dos ossos que não tinham sido ainda registradas. Também datou entre 9.500 e 10.000 anos vários restos ósseos de fauna quaternária (preguiças gigantes, tigre-dente-de-sabre) conservados na Dinamarca, data correspondente àquela da preguiça gigante datada na Lapa Vermelha em 1975. O recente achado de uma gravura enterrada no fundo de uma sondagem veio reforçar a importância da Lapa do Santo, cuja escavação continua sob a liderança de A. Strauss.

A partir de 1980, a também mineira e pesquisadora da USP Marcia Angelina Alves escavou sítios cerâmicos e pré-cerâmicos no vale do rio Paranaíba (rio Quebra Anzol).

7.1.3. Universidade Estácio de Sá

Tínhamos recebido nas escavações de Santana do Riacho alunos do curso de Arqueologia e Museologia das então Faculdades Unidas Estácio de Sá em 1979. Em 1985, convidamos vários professores deste curso, sob a direção de O. Heredia, a participar das pesquisas realizadas no abrigo do Janelão. Infelizmente, a colaboração que tínhamos idealizado não foi para frente.

Em 1991, V. Luft, professor do curso de Arqueologia e Museologia da Universidade Estácio de Sá, iniciou um projeto de arqueologia Puri-Coroado na Zona da Mata (município de Visconde do Rio Branco), mas que também não foi levado adiante.

7.1.4. Centros e grupos de pesquisa de Minas Gerais CETEC, CPG, CAALE

Em 1976 e 1977, a Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC) realizou prospecções de sítios rupestres da região de Monjolos e da Serra do Cabral, com incentivo do Museu Nacional, mas a iniciativa não foi adiante. O Centro de Pesquisas geológicas (CPG) criado por estudantes que tinham participado das primeiras atividades do Setor de Arqueologia do MHN-UFMG registraram e documentaram vários sítios de registro rupestre nos municípios de Jequitaiá (Cural de Pedra) e na Serra do Cabral, trazendo muitas informações para a UFMG. O CPG transformou-se a seguir no Grupo Bambuí de Pesquisas e passou a dedicar-se exclusivamente à espeleologia, enquanto um dos seus fundadores criava uma firma de consultoria ambiental (Brandt Meio Ambiente).

Em 1983, R. Albano, ex-estagiária do Setor de Arqueologia do MHN-UFMG, criava o Núcleo Municipal de Arqueologia, mais tarde denominado Centro de Arqueologia Annette Laming- Emperaire. Desde então, vem realizando trabalhos de divulgação de arqueologia junto à população.

7.1.5. O Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora

Em 1986, F. J. Hochleitner, aviador alemão que tinha estudado arqueologia americana na Bolívia depois da segunda guerra mundial, fundou um Setor de Arqueoastronomia na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Depois da aquisição de coleções de Etnografia em 1992, este passou a se chamar Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA). Em 2000 montou um Laboratório de arqueologia liderado por A. P. de Oliveira, que desenvolveu um dinâmico projeto de estudo de arqueologia tupiguarani na Zona da Mata - chegando a UFMG a colaborar nos trabalhos de campo. Uma importante série de publicações e diversas atividades junto às populações locais foram desenvolvidas pela instituição. Em 2011, problemas de ordem administrativa e a saída de A. P. de Oliveira levaram o MAEA a limitar suas atividades no campo da arqueologia.

7.1.6. Criação do LAEP da UFVJM

Em 2009, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) em Diamantina abriu concurso para arqueólogo. Logo contratado, M. Fagundes criou o Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LAEP).

7.2. Arqueologia preventiva

Como em todo o Brasil, a grande maioria das atividades em arqueologia hoje desenvolvidas no estado é de pesquisas contratadas. Segundo o IPHAN-MG, eram aprovadas centenas de projetos de intervenção (arqueologia preventiva) a cada ano entre 1991 e 2009, e apenas 1 ou 2 projetos acadêmicos (DELFORGE, com. pessoal). As primeiras pesquisas deste tipo em Minas foram solicitadas por Instituições públicas (CETEC, IBPC - hoje IPHAN) no início do decênio de 1980; os levantamentos de EIA-RIMA começaram a surgir nos anos de 1986/87. Ao que parece, o primeiro grande projeto foi aquele realizado na oportunidade das obras da UH de Nova Ponte em 1992/1994, quando duas equipes - uma do Paraná e outra, de Minas Gerais, dividiram a tarefa de localizar e estudar os sítios afetados.

8. Desenvolvimento do ensino e da divulgação em arqueologia no estado e no exterior

8.1. Ensino

No segundo semestre de 1975, ministramos um curso de curta duração no MHN da UFMG, para selecionar os primeiros colaboradores. Em 1977, M. Vasconcellos, recém-chegado da França onde tinha ficado no exílio durante o regime militar, fundou uma Sociedade de Paleontologia e Pré-História (SPP) em Belo Horizonte, que recebeu nosso apoio, assim como de várias personalidades como J. Pena (Presidente) e o paleontólogo C. Cartelle. Apesar de um início auspicioso e da realização de um curso de extensão, dificuldades devidas à personalidade do Secretário levaram rapidamente à extinção da Sociedade. Em 1978, ministramos um curso noturno de divulgação, para financiar o custo dos Arquivos do Museu de História

Natural (volume 3), que o Diretor do Museu não tinha achado interessante financiar. Em 1980/81, organizei no Museu de História Natural um curso de especialização com duração de 2 anos, com a colaboração de professores da UNB, da USP e do Museu Nacional, que permitiu capacitar a primeira equipe da UFMG e vários colaboradores. Os trabalhos de campo obrigatórios foram realizados no abrigo Rei do Mato, no sítio Sapucaí de Ibiá e em abrigos do vale do Rio Peruaçu. O livro "Arqueologia Brasileira", publicado dez anos depois pela UNB, é a apostila que eu tinha preparado para ministrar a matéria de mesma denominação.

Nos anos seguintes, aproveitei diversas oportunidades para completar a formação da equipe que trabalhava no Museu. Através de uma bolsa da Fulbright, trouxe o tecnólogo J. Flenniken, com o qual discuti intensamente as indústrias de quartzo. Depois de uma estadia na USP, J. Tixier veio fazer demonstrações de lascamento, que foram registradas em filme. Trouxemos no Museu M. Estela Mansur - Franchomme, pioneira na América Latina dos estudos de traceologia. A partir do curso que ela ministrou para estudantes de vários estados do Brasil no MHN, criamos nosso laboratório de traceologia, cujo responsável, M. Alonso, ela recebeu também em sua base de Ushuaia. Paralelamente, oferecemos um curso de estudo de indústrias líticas, que reuniu estudantes de vários estados da Federação. Em 1998, o Fórum de Arqueologia organizou cursos de formação intensiva na UFRS, onde ministramos um curso de tecnologia lítica. Em 2000, fomos convidados pela Universidade de Montevidéu para oferecer uma nova versão desta atividade. Em 2003, a Fundação Ortegalia solicitava também nossa ida à Espanha para ministrar o mesmo curso, e mostrar particularmente as características das indústrias de quartzo. Foi desta experiência que saiu a publicação do livro *Apuntes para Análises de indústrias líticas*. Já tínhamos apresentado algumas características das indústrias de quartzo para pesquisadores franceses trabalhando sobre coleções africanas (sítios de Australopitecos e *H. habilis*) e italianas nos anos de 1980.

O curso de graduação de Ciências Sociais da UFMG oferece, desde os anos de 1980, matérias optativas de arqueologia. Em 2006 foi criado o Mestrado em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia. Em 2011 foi implantado o curso de antropologia (com habilitação em Arqueologia). Em 2013 deve ser realizada a primeira seleção para o Doutorado no mesmo programa (PPGAN).

8.2. Divulgação para o grande público

A equipe do Setor de Arqueologia da UFMG tem longa tradição de divulgação para o grande público. Entre as exposições realizadas, podemos mencionar aquelas apresentadas em 1978: no Saguão da Reitoria (arte rupestre de Montalvânia); no ex-campo do Atlético em convênio com a Prefeitura Municipal (o Homem pré-histórico e meio ambiente); pela embaixada do Brasil em Paris (Galerie Debret). Em 1980, na Pinacoteca de São Paulo (arte rupestre brasileira) em colaboração com o Instituto de Pré-História

da USP. Em 1982[†], nossa grande exposição no segundo andar da Estação Rodoviária de Belo Horizonte recebeu dezenas de milhares de visitantes. Em 1991, sob a coordenação de C. Cartelle, no Palácio das Artes (Paleontologia, Espeleologia e Arqueologia), em colaboração com o Grupo Bambuí de Espeleologia e a PUC-MG; em 2000, no mesmo Palácio das Artes; outras, no Parque Ibirapuera em São Paulo (sobre a pré-história do Velho Mundo, e sobre a entrada do Homem na América em colaboração com W. Neves) para as comemorações dos 500 anos da chegada dos Portugueses no Brasil; na estação Ana Rosa do metrô de São Paulo em 2007 (arte rupestre); nas prefeituras de Pedro Leopoldo e Matozinhos (em várias oportunidades, sobre a pré-história regional). Em Diamantina (2009), durante o Festival de Inverno; no espaço TIM da Praça da Liberdade de Belo Horizonte (2010/2013). O MAEA de Juiz de Fora também organizou exposições em várias cidades da Zona da Mata de Minas Gerais. O MHNJB da UFMG também participou de várias exposições organizadas por G. Rocha Silva Catel em Manguinhos. Além destas exposições, autores do Setor de Arqueologia do MHN publicaram vários textos destinados a um amplo público, tais como vários artigos na revista *Ciência Hoje* (inclusive primeiro da revista a tratar de arqueologia, em 1983), catálogos de exposição; livros didáticos especialmente concebidos para professores e estudantes (PROUS, BAETA & RUBBIOLI, 2003 - primeiro texto a receber o prêmio Alfredo Rohr de preservação do patrimônio arqueológico, naquele mesmo ano). O CAALE, por sua vez, criou recentemente o boletim informativo *In Situ*. Vários artigos publicados na revista da FAPEMIG (Minas Faz Ciência) divulgaram nosso trabalho no meio acadêmico mineiro não especializado. Realizamos filmes didáticos (com destaque para *Arqueologia no Brasil*, 1977), vídeos sobre a arqueologia do rio Peruaçu (realizado por A. Xexeu); sobre registros rupestres e *graffiti* (“O ateliê de Luzia”, com M. Jorge). Participamos de programas especiais e amplamente divulgados no Brasil da REDEMINAS (DVDs sobre paleontologia, espeleologia e arqueologia em Minas Gerais, 2012), das Redes Manchete e Globo.

8.3. Publicações Científicas

O Setor de Arqueologia pré-histórica do MHN-UFMG manteve, por si só, os *Arquivos do Museu de História Natural* desde o número 2 (1976) até o número 19 (2009); somente a partir do volume 20 houve participação de outras áreas, das ciências da terra, da vida, e da conservação. Os membros do Setor chegaram a ministrar cursos noturnos de extensão para financiar a revista, quando um dos Diretores do Museu negou apoio. A revista deve ser disponibilizada na INTERNET ainda este ano. O Laboratório de Arqueologia da FAFICH, por sua vez, lançou em 2007 a revista internacional *Vestígios*, dedicada à arqueologia histórica. Em 1977, encarregamos D. Campos de copiar em diversas bibliotecas do país as publicações antigas de arqueologia brasileira, montando-se assim um centro de

documentação no Setor de Arqueologia. Desde então, tentamos manter atualizada uma *Bibliografia de Arqueologia Brasileira*, que conta atualmente com cerca de 8.000 títulos. Ela foi parcialmente publicada nos volumes 4, 10 e 15 da revista *Arquivos do MHN* com o auxílio de H. Diniz Ribeiro (vol. 10), R. Kipnis, I. Wust, A. Miranda e R. Bitá (vol. 15). Este levantamento, atualizado até 2013, deve ser disponibilizado no *site* do Setor de Arqueologia (atualmente em preparação) ainda este ano. Os pesquisadores da UFMG, tanto na área de pré-história quanto de história, mantêm uma prolífica produção científica, que soma dezenas de livros em português, espanhol, francês e inglês, além de centenas de artigos em revistas especializadas de ambas as Américas e da Europa. Participaram de numerosos congressos em todos os continentes. Por sua vez, o MAEA da UFJF manteve, entre 2005 e 2010, uma série dedicada à arqueologia de Minas Gerais.

8.4. Encontros

O Setor de Arqueologia do MHN hospedou, em 1978, um dos Simpósios do Colóquio interdisciplinar Franco-Brasileiro sobre formações superficiais, no qual se debateram as formações cársticas de Lagoa Santa. Em 1981, organizamos a Segunda Reunião Científica da recém-criada Sociedade de Arqueologia Brasileira (estes encontros ainda não eram denominados “Congresso”). Em 2007, L. Bueno e A. Isnardis idealizaram e coordenaram no MHN o Simpósio “Tecnologia lítica no Brasil”, com participação de pesquisadores do Rio Grande do Sul, de Goiás e dos Estados Unidos. A. Paula de Oliveira organizou vários *simpósios* sobre Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira (Nepomuceno, 2004; Juiz de Fora, 2006), assim como os primeiros encontros da SAB Sudeste (Carangola, 2008; Ouro Preto, 2000). Os pesquisadores do Setor de Arqueologia participaram de numerosos congressos interacionais nas Américas, na Europa e na Austrália.

8.5. Coleções arqueológicas provenientes de sítios do estado de Minas Gerais

Fora do Estado de Minas Gerais, as maiores coleções de arqueologia pré-histórica encontram-se no Museu Nacional, que recebia o material coletado pelas sucessivas Missões até a criação do Setor de Arqueologia da UFMG, em 1976. O material coletado pelas equipes do Instituto Brasileiro de Arqueologia encontra-se na sede do IAB em Belford Roxo, perto do Rio de Janeiro. Algumas peças de origem mineira encontram-se também no Museu do Índio do Rio de Janeiro. As coleções esqueléticas recém escavadas pela equipe da USP estão sendo conservadas no LEEH. Algumas cerâmicas do oeste mineiro e parte da coleção reunida por H. V. Walter entre 1939 e 76 encontram-se-iam no Museu Paulista de Arqueologia (MUPA) de São Paulo, aonde foram levadas pelo Maestro T. Khallyabby - amigo de Derek Walter, filho e herdeiro do colecionador.

As maiores coleções guardadas no estado são, provavelmente, aquelas do Museu de História Natural da UFMG, onde M. Castro e Silva luta há anos para conseguir condições adequadas de preservação. A PUC-MG e o

[†] Data aproximativa

CAALE de Lagoa Santa guardam coleções provenientes de ações de arqueologia preventiva. O Museu da UFJF conserva uma coleção essencialmente tupiguarani. Existem Museus regionais em Perdizes (Museu Profa. M. A. Alves, criado em 1986) e Pains (Museu Arqueológico do Carste, criado em 2010). O Museu particular de Lapinha, perto de Lagoa Santa, encontra-se atualmente sob intervenção do IPHAN. Os núcleos museológicos RIA, de Resplendor, Itueta e Aimorés (Instituto Terra), assim como o MAEA da UFJF conservam coleções tupiguarani de origem local. O NPA de Andrelândia preserva uma pequena coleção de achados fortuitos proveniente do município e dos arredores. Entre os Museus históricos, destacam-se os de Pompeu, o Museu do Ouro, de Sabará, e o Museu da Escravidão, de Belo Vale.

8.6. O papel do IEPHA (1974/80) e do IPHAN

Vimos que o IEPHA teve um papel relevante na minha contratação e, portanto, na criação do Setor de Arqueologia da UFMG. Em 1984 e 1985, contratava os arqueólogos M. E. Solá e F. Lopes de Paula (formados no curso de especialização do Museu), assim como S. Bulcão. Com eles teve início um programa de levantamento de bens culturais - inclusive arqueológicos - começando com a região de Lagoa Santa. Infelizmente, este projeto parece não ter sido levado adiante e os arqueólogos não permaneceram efetivamente neste órgão. O IEPHA promoveu também um curso de restauração em cerâmica ministrado por especialistas italianos.

Pode-se dizer que a Superintendência do IPHAN em Minas Gerais esteve muito tempo ausente na área de arqueologia. Sua atuação no estado refletia a predominância de arquitetos e historiadores que focalizavam antes de tudo a arte barroca. Não houve, durante muito tempo, nenhum profissional encarregado de fiscalizar a arqueologia no Estado. Desta forma, gozamos, entre 1976 e início dos anos de 1990, de uma exorbitante autorização ampla e irrestrita de atuação, em nome de um... Museu do Homem inexistente (o projeto frustrado da UFMG e de D. Ribeiro). Precisou-se esperar o crescimento da demanda em arqueologia preventiva, inserida a partir de 1986 na área de licenciamento ambiental e tornada obrigatória pela portaria do IPHAN 230/02 para que um funcionário fosse indicado na 13ª SR para cuidar da arqueologia. Foi assim que A. Delforge assumiu esta responsabilidade, em 2006. Como ele mesmo frisa, “a autarquia não tinha tradição de atuar na área de licenciamento ambiental e ainda está se adaptando à grande demanda criada” (DELFORGE 2010). Desde então, o Instituto se dedica ao levantamento e mapeamento do patrimônio arqueológico do Estado, à organização e fiscalização de um sistema de reservas arqueológicas (tarefa esta, ainda longe de estar completada) e a gestão das ocorrências fortuitas, através de cooperação com as equipes das Universidades Federais (UFMG e UFJF). Apenas no ano de 2009, o IPHAN-MG emitia 900 licenças “trifásicas” (para licenciamento prévio, de instalação e operacional), enquanto outorgava apenas uma autorização para arqueologia acadêmica (DELFORGE, 2010). Obviamente, poderia haver projetos que não necessitassem intervenções

em campo, dispensando uma autorização; mesmo assim, o desequilíbrio quantitativo é gritante.

9. Conclusão

Peço desculpas ao leitor por ter escrito, muitas vezes, na primeira pessoa. Isto só se justifica pelo fato que, por acaso, fui o primeiro arqueólogo contratado em Minas e radicado no Estado. Desta forma, a arqueologia mineira girou muito tempo ao redor da equipe que eu tinha montado, pois os pesquisadores do IAB não estavam exclusivamente envolvidos pela arqueologia local; tendo sua base em outro estado, estavam menos presentes e visíveis. De qualquer forma, se fui um elemento catalizador, nada o teria conseguido sem o entusiasmo e a dedicação benévola de todos os colaboradores voluntários - alguns dos quais se tornaram colegas - estagiários, bolsistas. Bem mais tarde, pude contar com os primeiros funcionários técnicos e administrativos, alguns dos quais se tornaram indispensáveis e preciosos auxiliares.

Ao concluir este histórico da pesquisa mineira em arqueologia, gostaria de expressar algumas das minhas satisfações e frustrações.

A minha maior frustração é, provavelmente, o fato de não ter sido capaz de provocar mais cedo a institucionalização de uma estrutura de pesquisa e ensino em arqueologia. Em consequência, nossa disciplina, muito tempo praticada na informalidade do MHNJB, acabou tendo que se inserir em uma proposta de ensino feita por colegas antropólogos, em si válida (reunindo antropologia e arqueologia), porém orientada essencialmente para a vertente das Ciências Humanas. O quadro Departamental das universidades atuais não favorece a interdisciplinaridade. Desta forma, a formação dos arqueólogos em Minas - e, certamente, em vários outros lugares do país - não integra suficientemente as ciências da terra e, muito menos ainda, as ciências biológicas. Devemos esperar que esta limitação seja sanada nos próximos anos. Outrossim, a insuficiência de centros de pesquisa acadêmica em arqueologia no estado continua evidente. É de se lamentar a “desativação” do Museu da UFJF, embora se possa salientar a criação do centro da UFVJM. Desta forma, apenas duas das onze universidades federais do estado dispõem de arqueólogos, e nenhuma universidade estadual ou particular. Finalmente, a precariedade das reservas do MHNJB onde se conservam as coleções pré-históricas, apesar dos esforços de M. Silva, continua sendo uma preocupação constante - embora as recentes gestões pareçam ter tomado consciência deste problema que coloca em perigo este precioso patrimônio. Frustração também o fato que nossos esforços para treinar arqueólogos no estudo da micro-estratigrafia de sítios arqueológicos não tenham sido acompanhados por uma preocupação semelhante em outras partes do Brasil - mas isto, pelo menos, não consideramos culpa nossa.

Satisfação sinto, em compensação, pelo fato do Setor de Arqueologia da UFMG ter-se firmado entre os principais centros de pesquisa do país. Teve um papel pioneiro no Brasil em vários campos de atividades. Nos estudos de

registros gráficos, por exemplo, onde desenvolvemos a observação dos aspectos crono-estilísticos em suportes rupestres; ou a interpretação iconográfica (em cerâmica), sem falar da atenção dada aos gestos de fabricação e elaboração. No campo dos estudos de materiais, o Setor teve papel relevante na formação de pessoas capacitadas em abordar as indústrias líticas através de análises tecnológicas e de funcionalidade (microtraceologia, sob responsabilidade de M. Alonso Lima). Desenvolvemos abordagens experimentais com reprodução da fabricação e da utilização de peças polidas lascadas, ou de superfícies utilizadas brutas (MOURA; PROUS, 1989; PESSOA LIMA, 2005). Em menor grau, também trabalhamos matérias tais como concha e argila.

Para estudar os vestígios vegetais excepcionalmente preservados nos abrigos, mantivemos muitos anos uma área de paleobotânica, infelizmente desativada atualmente, assim como o laboratório de palinologia que funcionou nos primeiros anos de existência do Setor sob responsabilidade de A. Prous. Também procurei valorizar as antigas coleções, que os arqueólogos modernos e “científicos” costumam desprezar: zoólitos, vasilhas tupiguarani pintadas, tangas marajoara, etc. Ao que parece, consegui convencer alguns jovens de que não era tempo perdido revisitar as peças inteiras e selecionadas reunidas pelos nossos predecessores, e G. de Souza levou esta preocupação para fora do estado. Todas estas iniciativas apontaram caminhos; esperamos que tenham ajudado ao preparar o desenvolvimento atual destas áreas junto à arqueologia no Brasil.

As pesquisas que tratam das relações de poder e resistência de grupos minoritários, ou de grupos subalternos, caracterizam os trabalhos de Arqueologia histórica na UFMG, tanto quanto os estudos sobre mineração.

Uma das minhas maiores fontes de satisfação pessoal é ter sempre recusado as barreiras de “escolas”, colaborando em campo com pessoas originárias dos mais diversos horizontes geográficos, intelectuais e “ideológicos”; sobretudo, conseguimos fazer participar pesquisadores de todo o país em projetos de interesse científico comum (por exemplo, na publicação da obra coletiva “Os ceramistas tupiguarani”) – um feito que me parece único na história da nossa disciplina. Espero que este tipo de colaboração se torne natural para a nova geração de profissionais que vai tomar as rédeas da pesquisa arqueológica no Brasil.

REFERÊNCIAS

- [1] ALVIM, C. de Faria Nível mental e personalidade dos índios pré-colombianos do Vale do Rio das Valhas. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 14, p. 131-161. 1964
- [2] ÁVILA, B. **Relatórios manuscritos sobre as pesquisas realizadas na região de Lagoa Santa**. 1937.
- [3] BAETA, A. ; ALONSO, M. **Consórcio Aimorés. Programa de Resgate arqueológico UHE Aimorés - Relatório final**, CD ROM, 243 p. 2004.
- [4] BAETA, A. ; PILO, H. (orgs.) **Marcas históricas - Miguel Brunier**. Ouro Preto. 2012.
- [5] BUENO, L. **Tecnologia e Território no centro-norte mineiro: um estudo de caso na região de Montes Claros, MG, Brasil**. Arqueologia Sulamericana. [no prelo].
- [6] BUENO, L., BARBOSA, V.; GOMES, W. **Resgatando Coleções: a Lapa Pequena de Montes Claros revisitada**. Canindé - Revista do Museu Arqueológico de Xingó, v. 12, p. 47- 81, 2008.
- [7] DGEEMG; Departamento Geral de Estatística do Estado de Minas Gerais. **As Grutas em Minas Gerais**. 1939.
- [8] CORREA, A. **Tetama nas Matas Mineiras: Sítios Tupi na Microrregião de Juiz de Fora-MG**, Dissertação de mestrado. MAE-USP, São Paulo, 2009.
- [9] COSTA, F. Academia de Ciências de Minas Gerais - **Os Herdeiros de Lund**. Monografia de graduação, Depto. de História, UFMG, Belo Horizonte, 1997.
- [10] DELFORGE, A. **O gerenciamento do Patrimônio arqueológico do Estado de Minas Gerais utilizando-se sistema de informação geográfica (SIG)**. Dissertação de Mestrado, PUC-MG, Belo Horizonte, 2010.
- [11] DIAS Jr, O.; PANACHUK, L. Características da Tradição Tupiguarani no sudeste do Brasil. In: PROUS, A.; LIMA, T. Andrade (Editores). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: **IPHAN**, v. 1, p. 91-116. 2008.
- [12] IBGE; Grutas de Minas Gerais (As-). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Belo Horizonte, 1939.
- [13] GUIMARAES, C. M., ALMEIDA, A. & VELOSO, G. Capão do Lana da documentação à arqueologia. **Revista do Arquivo Público mineiro – RAPM**, ano 46, n. 2, p. 126-141. 2010.
- [14] GUIMARÃES, C. M.; LANNA, A. L. Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais. **Pesquisas, série Antropologia**, v. 31, p. 147-164, 1981.
- [15] HENRIQUES, G. O sítio arqueológico Minas do Socorro e as técnicas de mineração do ouro nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX. **Canindé**, v. 11, p. 25-53. 2008.
- [16] HOCH, E. ;PROUS, A. A contribuição de P. W. Lund à arqueologia europeia e brasileira.

- Arquivos do Museu de História Natural, UFMG**, v. 10, p. 171-175. 1985.
- [17] HOLTERN, B.; STERN, M. P. W. **Lund e as grutas com ossos de Lagoa Santa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- [18] HURT, W. & BLASI, O. O Projeto Arqueológico “Lagoa Santa” - Minas Gerais, Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 4, 1969.
- [19] JUNQUEIRA, P. A Casa da Festa - São Bartolomeu. In: **Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais**. Ouro Preto. Juiz de Fora: Ed. UFJV, 2010.
- [20] JUNQUEIRA, P. & Malta, I. Sítios cerâmicos da região de Lagoa Santa. **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v.3, p.117-172. 1978.
- [21] LAMING-EMPERAIRE, A.; PROUS, A.; MORAES, A.; BELTRÃO, M. da C. **Grottes et Abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil**, CAHIERS d'Archéologie d'Amérique du Sud, Paris, 1971.
- [22] LAMING-EMPERAIRE, A. Missions archéologiques franco-brésiliennes de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Le Grand abri de Lapa Vermelha (P.L.). **Revista de Pré-História**, USP, v. 1, p. 53-89. 1979.
- [23] LIMA, A. P. **Função dos calibradores e sua inserção na cultura material tupiguarani**. Monografia de graduação, UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- [24] LIMA, M. A.; MANSUR, M. E. Estudo traceológico de instrumentos em quartzo e quartzito de Santana do Riacho (MG). **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 11, p. 173-190. 1986.
- [25] LINKE, V. ; ISNARDIS, A. Arqueologia pré-histórica da região de Diamantina (Minas Gerais). **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 21, n. 1, p. 22-50. 2013.
- [26] MATOS, A. **A pré-história de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira da Cultura, 1947.
- [27] MOURA, M. T.; PROUS, A. Vestígios de utilização em instrumentos líticos utilizados brutos. **Dédalo**, USP, Publ. Avulsa, v. 1, p. 409-428. 1989.
- [28] NEVES, W. A.; POWELL, J. F. & OZOLINS, E. G. **O Povo de Luzia** - em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- [29] OLIVEIRA, A. P. Sítios arqueológicos da Zona da Mata Mineira. In: OLIVEIRA, A. P. (org.). **Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata**. Juiz de Fora: Editar, p. 153-168. 2006.
- [30] PADBERG-D. **Relatórios datilografados de Excursões à região calcária de Lagoa Santa**, apresentados à Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. 1926, 1929.
- [31] PROUS, A. **Rapports annuels de la Missão Archéologique Française de Minas Gerais** (Lagoa Santa, Montalvânia, Florestal, Buritizeiro, alto Trombetas, etc.); anos 1982-2012.
- [32] PROUS, A. Algumas características das indústrias lascadas sobre seixo do Brasil central e nordestino. Atas da Reunião da SAB. Porto Alegre: EDIPUCRS, **Coleção Arqueologia**, v. 1, n. 1, p. 345-362. 1995.
- [33] PROUS, A. (coord.). Santana do Riacho (2). **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 13/14, 421 p. 1992.
- [34] PROUS, A. Histórico do Setor de Arqueologia UFMG e o papel das Missões Franco-brasileiras. **Anais da 8ª reunião científica da SAB**. Porto Alegre: EDIPUC/RS, v. 1, n. 1, p. 131-150. 1996.
- [35] PROUS, A. Jardins de l'Etire et Jardins du Paradis. **Revista de História da Arte e Arqueologia** – UNICAMP, v. 3, p. 7-32 (em português: Jardins do Ser, Jardins do Estar. p. 149-165, 2000.
- [36] PROUS, A. O Homem pré-histórico e a megamastofauna pleistocênica no Brasil. **O Carste**, v. 1, n. 1, p. 52-59. 2002.
- [37] PROUS, A. O Lugar de P. W. Lund na arqueologia brasileira / The Place of P. W. Lund in Brazilian Archaeology. Atas do Simpósio Internacional P. W. Lund (PUC-MG 2012). **Bios** – PUC-MG [no prelo]
- [38] PROUS, A. et al. Os machados pré-históricos no Brasil - descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encabamento e utilização Canindé - **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, v. 2, p. 161-236. 2003.
- [39] PROUS, A. ET AL.. Les râpes Baniwa et Wai Wai, Derniers Instruments de pierre taillée Indigènes d'Amérique du Sud In: STERNKE, F.; EIGELAND, L.; COSTA, L.-J.. (Org.). **Non-Flint Raw Material Use in Prehistory**. Oxford: BAR International Series, 123-132. 2009.
- [40] PROUS, A.; BAETA, A.; RUBBIOLI, E. **O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos - conhecer para proteger**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2003.
- [41] PROUS, A.; GUIMARÃES, M. Recentes descobertas sobre os mais antigos caçadores/coletores de Minas Gerais e da Bahia. **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 6/7, p. 23-32. 1981.

- [42] PROUS, A.; LIMA, M. A. A tecnologia de debitagem do quartzo no centro de Minas Gerais: lascamento bipolar. **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 11, p. 91-111. 1986.
- [43] PROUS, A.; LIMA, T. A. **Os Ceramistas Tupiguarani**, 3 volumes. Belo Horizonte: Sigma / IPHAN, 2007/2010.
- [44] PROUS, A. ; MALTA, I. (eds.). Santana do Riacho (1), **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 12, 384 p. 1991.
- [45] PROUS, A.; RIBEIRO, L. (eds.). Arqueologia do Alto Médio São Francisco (1: região de Montalvânia). **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 17, 523 p. 1996.
- [46] PROUS, A.; RODET, M. J. Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências (1). **Arquivos do Museu de História Natural UFMG**, v. 19, 533 p. 2009.
- [47] PROUS, A.; RODET, M. J. Os vivos e seus mortos no Brasil tropical e sub-tropical pré-histórico (11.000/500BP). In: MORALES, W. F. ; MOI, F. P. (Orgs.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: AnnaBlume, p. 11-43. 2009.
- [48] RIBEIRO, L.; LEANZA, D. O complexo arqueológico do Córrego Cuiabá e os mitos das tecnologias rudimentares e ineficazes das minas coloniais. **Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, v. 19, p. 65-88. 2006.
- [49] ROCHA, R.; PROUS, A ; JÁCOME, C. (coords.). **Pinturas em cerâmica tupi-guarani**. Belo Horizonte: IPHAN-MG. [DVDs em preparação]
- [50] RUBINGER, M. **Cadernos de anotações manuscritos**. 1954/1956.
- [51] RUBINGER, M. **Pintura rupestre: algo mais que arte pré-histórica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- [52] SEDA, P. **As pesquisas arqueológicas em Minas Gerais - das pesquisas de Lund à Contribuição do IAB**. Boletim do IAB, v. 11, p. 1-21. 2001.
- [53] STEWART, T.; WALTER, H. Fluorine analysis of putatively ancient human and animal bones from Confins Cave, Minas Gerais, Brazil. **Atas do 31º Congresso Internacional de Americanistas**, v. 2, p. 925-937. 1955.
- [54] TEM, K. Sur les crânes de Lagoa Santa. **Bulletin de la Société d'Anthropologie**, v. 8, n. 3, p. 240-244. 1885.
- [55] WALTER, H. D. **Cadernos manuscritos depositados no MHN-UFMG**.(s.d)
- [56] WALTER, H. V. **A pré-história da região de Lagoa Santa (Minas Gerais)**. Belo Horizonte: Ed. Brasil, 1948.
- [57] WALTER, H. V. **Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais: índios pré-colombianos dos abrigos-rochedos**. Rio de Janeiro: Sodegra, 1958. (bilíngue português inglês).

Agradecimentos:

Agradeço particularmente, A. Baeta por sua revisão crítica do texto e suas sugestões. Paulo Junqueira, A. Isnardis, L. Bueno, A. Delforge, A. P. de Oliveira, C. M. Guimarães, Marcos Torres, L. Symanski e G. Henriques que me forneceram informações sobre suas atividades. Ao Projeto memória FACE/UFMG por fornecer uma foto de M. Rubinger. Rosângela Bitá que fez a revisão do português.

The Many Archaeologies of Minas Gerais

André Prous¹

¹Archaeologist. Titular Professor at UFMG.

Abstract This paper presents a critical history of research in archaeology - particularly prehistoric - held in the State of Minas Gerais (central Brazil) since the nineteenth century. After the pioneering phase (P. W. Lund, and some nonprofessional people) some international missions focused the Lagoa Santa region in the third quarter of the twentieth century, while a PRONAPA team made a preliminary survey in the upper valley of the São Francisco River. The beginning of more systematic research by the *Instituto de Arqueologia Brasileira* in the northern part of the State and the creation of the Department of Prehistoric Research at the Federal University of Minas Gerais (UFMG, Belo Horizonte) in the second half of the 1970s, open a phase of more intensive, regionally and thematically diverse research. The beginning of the XXI century is characterized by the proliferation of rescue archaeology, the emergence of new research centers and the creation of training courses for archaeologists at Federal University of Minas Gerais. The caves of the State are notorious by the importance of preservation of perishable materials and of human skeletal remains of great antiquity. The diversity and variety of regional industries, made from very different raw materials, are also important. The archaeology of historical period, very dynamic in the recent years, focuses much more colonial gold mining structures, *fazendas* and maroon slaves settlements than the archaeology of urbanization and Baroque monuments.

Key words: Archaeology, Minas Gerais, Brazil, History of Science.

Informações sobre o autor

André Prous (UFMG)

Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia e Antropologia. Rua Gustavo da Silveira, 1.035, Santa Inês, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP 31080-010.

E-mail: aprous80@gmail.com

Link para currículo: <http://lattes.cnpq.br/2546876510627706>

Artigo Recebido em: 10-10-2013

Artigo Aprovado em: 11-11-2013